

## AS EXPOSIÇÕES DE FRANÇOIS DECRET E PIO DE LUIS SOBRE O MANIQUEÍSMO.

Humberto Schubert Coelho<sup>1</sup>

**RESUMO:** É notório que as interrogações filosóficas de Agostinho foram profundamente marcadas pelo Maniqueísmo. Este artigo tem como objetivo fazer um estudo comparativo das obras de *François Decret* e *Pio de Luis sobre o Maniqueísmo*. Sua finalidade principal é apresentar, o mais objetivamente possível, o quadro geral da filosofia maniqueísta e nos permitir atingir uma compreensão mais aprofundada da atitude agostiniana face ao Maniqueísmo. Será que a guerra ideológica contra os maniqueus, como outras tantas que Agostinho travou, o tornaram o melhor expositor de suas doutrinas? Além disso, as respostas dos maniqueus sugerem que Agostinho desconhece os mistérios mais profundos do credo professado por eles. No entanto, o Maniqueísmo marcou profundamente o pensamento de Agostinho, principalmente no que concerne às interrogações propriamente filosóficas que o bispo de Hipona desenvolverá mais tarde: a questão metafísica e ética da origem do mal é um exemplo palpável dessa influência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agostinho, Maniqueísmo, Mal.

**ABSTRACT:** It is well-known that philosophical interrogations of Augustine were deeply marked by Manichaeism. This article has as objective to do a comparative study of *François Decret's* works and *Pio de Luis on Manichaeism*, with the intention to present, the more objectively possible, the general picture of the Manichean Philosophy. This study will allow to reach a deepened understanding of the augustinian attitude face to Manichaeism and to reveal that the ideological war against the Manicheans, as other so much that Augustine locked, didn't turn him the best exhibitor of their doctrines. In the other side, the answers of the manicheans suggest that Augustine ignores the deepest mysteries of the credo professed by them. However, Manichaeism marked the thought of Augustine deeply, mainly in what it concerns the properly philosophical interrogations that the bishop of Hippo will develop later: the metaphysical and ethical subject of the origin of the evil is a tangible example of that influence.

**KEYWORDS:** Augustine, Manichaeism, Evil

### Introdução

Este estudo comparativo entre duas das raras obras que visam expor a historiografia e o quadro geral da filosofia maniqueísta é minha tentativa pessoal de fazer jus à participação no Núcleo de Estudos Agostinianos (NEA) nos anos de 2013 e 2014. Interessou-me o fato de ambas as análises serem, como era de se esperar, apreciações de autores católicos sobre a natureza do Maniqueísmo, sua origem cristã herética e sua posterior influência sobre a tradição

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Religião. [humbertoschubert@yahoo.com.br](mailto:humbertoschubert@yahoo.com.br)

cristã. Também não passa despercebido o encantamento de ambos os autores que, pode-se imaginar, tenham iniciado seus estudos com o intuito desmistificador e confrontador com uma filosofia/mitologia que em algum momento acabou por lhes conquistar o respeito e a admiração.

Como não pode deixar de ser, a hermenêutica principia pelo que é alheio, pelo ponto de partida próprio do leitor, que, paulatinamente, ao deixar falar o universo que precisa ou quer compreender acaba surpreendido por aquilo que ultrapassa a sua construção prévia sobre o assunto, sua tentativa de redução e inserção do objeto no fluxo da história como degrau galgado e superado da tradição.

Até que ponto o Maniqueísmo está realmente miscigenado ao corpo da cosmovisão cristã ou o nosso olhar retrospectivo não o reconfigura segundo os valores e expectativas de uma visão cristã, não podemos saber. Mas sabemos, por textos como os que ora analisamos, que a familiaridade e a simpatia com que o pesquisador não raro se surpreende diante do texto maniqueísta afastam celeremente qualquer impressão de se lidar com o alheio. Que se a veja como morta ou incorporada, a tradição maniqueísta parece se revelar decididamente como parte de nossa própria história.

A primeira parte desta análise documental apresentará o resumo de *Mani et la tradition manichéene*, de Françoise Decret; a segunda tratará do volume “Contramaniqueus” da *Biblioteca de Autores Cristianos*, com introdução de Pio de Luis. A conclusão fará com brevidade o apanhado crítico dos documentos conforme alguns pontos filosoficamente relevantes.

#### *Mani e a tradição maniqueísta:*

François Decret apresenta-nos uma rica e profunda introdução histórica sobre a civilização sassânida e o masdeísmo. Além de uma erudita exposição dos reinados sassânidas e suas contribuições jurídicas, sociais, políticas e religiosas, destaca a teogonia dualista do masdeísmo e sua consequente ética da purificação e “alinhamento” rumo a um dos lados de nossa natureza interna, correspondentes aos princípios cosmológicos do bem e do mal.

Por sua origem geográfica, é possível que Mani tenha tido fortes impressões dos resíduos culturais deste dualismo masdeísta, mas sabe-se com ainda maior certeza que ele absorveu muito do estoicismo, do evangelho de Lucas e das epístolas paulinas. Decret observa,

adicionalmente, que o marcianismo havia prosperado muito no século III, abrangendo justamente as regiões da Mesopotâmia e leste da Síria. Esta seita se distinguia por um monasticismo de rigor extremado.

Também de acentuada importância para a época, assevera Decret, é a existência de uma crise interna do cristianismo com suas vertentes gnósticas, altamente secularizadas. Não ignorando a helenização da tradição cristã como um todo, Decret nos apresenta a seguinte apreciação do gnosticismo e do catolicismo: “uma helenização radical e prematura do cristianismo, com rejeição do Velho Testamento; o sistema católico, ao contrário, uma secularização, uma helenização feita gradualmente e com a conservação do Velho Testamento” (DECRET, 34).

Apesar deste caldo cultural já apresentar alto grau de hibridação à época de Mani, é temerário traçar com excessiva segurança as fontes exatas e o grau de influência que estas escolas tiveram sobre seu pensamento, por demais inaugural, pragmático e monolítico. Por mais certo, portanto, que sejam estas “presenças” na filosofia maniqueia difundida após a morte de Mani, a sua relação direta no primeiríssimo momento de elaboração da doutrina deve ser mantida sempre entre parênteses.

Certa mesmo é a influência do elkhaismo, heresia cristã razoavelmente influente na região da Mesopotâmia e na Pérsia, que pregava entre outras inovações a plena humanidade de Jesus (não muito diferente de Ario), e que Cristo reencarnara diversas vezes na Terra a fim de trazer repetidamente a mesma mensagem. A primeira das reencarnações de Cristo teria sido Adão. Também permitiam ou recomendavam a apostasia “aparente” em caso de perseguição (DECRET 38). De veia quase agnóstica em alguns aspectos, repudiavam os rituais, superstições e os aparatos de culto exterior como desnecessários e até obstrutivos à purificação, a qual era tida como exercício espiritual totalmente interiorizado. Não obstante, pareciam legar grande importância ao batismo.

Nascido em 14 de Abril de 216, Mani se apresentava assim: “Mani, mensageiro do Deus da verdade, vindo da terra da Babilônia” (DECRET, 46). É, contudo, tão difícil precisar a verdade dessa informação quanto qualquer outra acerca de sua vida.

Mani teria recebido em vida duas visitas do espírito consolador prometido por Jesus para cumprir e terminar a sua revelação (João XIV, 26). Aos 12 e aos 24 anos, Mani foi instruído pelo Espírito Santo a dedicar-se totalmente ao seu ministério, preparando-se para a verdade que

haveria de anunciar. Ao passo que não se entendia como sincretista, Mani afirmava que Buda, Zaratustra e Jesus eram seus precursores (DECRET 63).

Decret dá enorme importância ao sucesso militar de Shapur contra os romanos na difusão do maniqueísmo. Como sói ocorrer com as revoluções culturais, elas se alastram nos momentos de grande crise ou no zênite de uma civilização. Felizmente para o maniqueísmo a Pérsia estava em alta e, pelos idos de 250 a 280, Roma tropeçava.

Passando do contexto para uma apreciação mais sintética:

“Como todo gnosticismo clássico, o maniqueísmo pretende abordar o conhecimento fundamental, a gnose, que revelará ao iniciado o alfa e o ômega de sua condição humana ou, para usar a terminologia da seita: o começo, o meio e o fim. Ou, à diferença do conhecimento racional e discursivo, que almeja o conceito e opera por deduções e proposições teóricas, a gnose, que escapa aos mecanismos da lógica e de seus limites especulativos, propõe o seu ensinamento sob a forma de mito. O gnóstico considera com efeito que a verdade é propriamente intraduzível – inenarrável e inefável, disse o maniqueu Secundinus – para os processos habituais das ciências comuns. Ele necessita de atenção e meditação, contemplação extática e mística, imersão, enfim, do sujeito, com o que irá conhecer o objeto mesmo, a Verdade, a qual invade uma alma disponível.” (DECRET, 80)

Devido a estas características patentemente gnósticas, os mitos não podem ser interpretados de modo fundamentalista ou crédulo, já que a sua verdade depende de um exercício pessoal e intransferível para a aquisição do conhecimento que não pode ser vertido em texto. São, portanto, desonestas as críticas adversárias que interpretam o mito literalmente, enfatizando suas “contradições e aberrações”, apresentando-o como “*fallacissima fabula*” (DECRET, 80).

Além de seu óbvio dualismo, a doutrina maniqueísta fala de tempos ou momentos de desdobramento da criação e de uma grande batalha cósmica entre o bem e o mal onde cada homem é um ator ou uma peça de tabuleiro capaz de escolher em qual lado vai jogar. Os momentos são anterior, mediano e posterior. No primeiro momento não há céu e terra, só o Uno e o Outro, Luz e Treva. No momento mediano, a obscuridade tenta cobrir a luz e partes da luz penetram na obscuridade. No momento posterior se atinge a instrução e a conversão, a mistura é desfeita e os mundos são separados novamente, um de luz e um de treva (DECRET, 81).

Em fragmentos que lembram a linguagem e a lógica do Apocalipse:

“Deus o Pai domina o Império da Luz, magnífica por sua potência, verdadeira por sua natureza, exultante em sua própria eternidade, possuindo em si mesma a sabedoria e os atributos da vida. Contra ele a Terra das Trevas e todo o gênero pestífero. No interior da qual uma raça de sombra e fumaça, um Príncipe feroz, soberano de outros príncipes inomináveis. São cinco os membros do Pai: Inteligência, pensamento, reflexão, vontade, razão. O príncipe feroz, o arquidemônio, o Satã, ou Ahriman, trabalha pela concupiscência a alma morta da matéria.” (DECRET, 85)

“O Homem primordial e seus “elementos” são devorados por demônios: a afronta do tempo médio começa por um defeito da Luz que se mistura à substância das Trevas [...]. O Homem Primordial, primeira vítima da raça malvada, é o arquétipo do homem salvo que entendeu o apelo.” (DECRET, 86)

Há muitos símbolos no mito que mereceriam ser estudados (a cruz de Luz, a máquina do Juízo), mas o importante é saber que a grande guerra torna o homem mais forte, torna-o um homem novo. Assim diz o Salmo a Jesus: “Jesus, verdadeiro protetor meu, possa tu velar por mim, tu és o vinho vivo, filho da verdadeira vinha. Em meio ao mar, Jesus, és o meu piloto. O coração se rejubila em ti. Ele se arma para combater o dragão. Jesus, a primeira rosa do Pai.” (DECRET, 96-98)

Tratado por seus discípulos como apóstolo de Jesus, Mani acreditava não apenas ser o paráclito prometido, como o saber verdadeiro de Paulo. À diferença de Jesus, exemplo ideal para uma humanidade sofredora, o profeta representa realmente a humanidade. Prefigura, assim, a humanidade de almas divinas engajadas no combate. Jesus apresentou o caminho e a meta, o profeta é aquele que guiará a humanidade em meio ao pecado e as tentações; ele tem a alma dividida entre a paz de Cristo e a sombra dos desejos infernais, e precisa travar uma guerra interna idêntica à que se desenrola no plano cósmico. “Jesus nos enviou o Espírito de Verdade, e nos agarramos aos erros do mundo. [...] É o espírito mau da concupiscência que é a origem de todas as guerras e preside o conflito interior para sujeitar a boa alma.” (DECRET, 100)

#### *Introdução ao “Contramaniqueus”:*

Pio de Luis, organizador e apresentador do volume *Contramaniqueus* da Biblioteca de Autores Cristãos, nos apresenta uma visão do maniqueísmo explicitamente mediada pela crítica de Agostinho. Não obstante, podemos perceber um esforço não menos evidente em fazer justiça aos méritos histórico-culturais do movimento, e um evidente cuidado hermenêutico.

O maniqueísmo não pode ser compreendido, conforme Pio de Luis, sem o endereçamento ao cristianismo. A mensagem maniqueia se dirigia prioritariamente aos cristãos. Não é de estranhar que “falassem muito pouco de Mani e seus escritos e muito de Cristo e das Escrituras.” (AGUSTÍN, 1) “O maniqueus se apresentava, ademais, como cristão perfeito, ou se preferir, como o cristão sem mais, se ser cristão significava aceitar o Evangelho, e aceitar o Evangelho não se reduz a apenas “crer”, como também agir conforme a ele.” (AGUSTÍN, 12)

Movimento reformador do caráter por excelência, o maniqueísmo só erroneamente pode ser reduzido a um conjunto de crenças e princípios gnósticos. É, indubitavelmente, uma filosofia prática no auge da fusão cultural entre o helenismo e a revelação ética de Jesus. Não espiritualista metafísico, senão prioritariamente espiritualista moral é o caráter maniqueu. Precisamente por isso as ameaças de recaída na heresia eram muitas e graves: o aspecto doutrinal, os dogmas, a “interpretação correta” da natureza de Cristo e de Deus eram submetidos ao pano de fundo moral do conflito entre o bem e o mal. Nenhum olho ou mão, por mais benefícios que tragam, será poupado se for motivo de pecado, e o maniqueísmo não terá piedade de arrancar os elementos mais preciosos da doutrina cristã se estes afastarem o praticante da verdadeira pureza que o pode salvar.

De tudo o que se possa falar sobre o maniqueísmo, que fique somente isto: é uma reforma que busca resgatar e enfatizar a transformação comportamental e psicológica do cristianismo e de outras revelações celestiais; não deve haver empecilhos ou constrangimentos no curso dessa reforma.

O seu é um culto espiritual que já não tem mais templo além do próprio sujeito que o pratica, não tem mais estátuas do que Cristo, o Filho de Deus, estátua viva da majestade viva; o altar não é outro que a mente imbuída de boas artes e disciplinas, não tem honras divinas nem sacrifícios que não sejam as orações simples e puras. (AGUSTÍN, 13)

Mas, como o objetivo de Pio de Luis é apresentar o maniqueísmo de Agostinho e segundo Agostinho, o texto rapidamente passa da apresentação da tradição para a recepção do jovem intelectual. Segundo as *Confissões*, Agostinho foi maniqueu dos 19 aos 28. Desde o momento da conversão, “creu fundamente e buscou fazer proselitismo da sabedoria.” (AGUSTÍN, 20)

Sua influência principal e o incentivador de sua conversão foi Fausto, que ganhava fama no norte da África como expositor e exemplo moral do maniqueísmo.

O Maniqueísmo de Fausto e Agostinho tinha traços do de Mani, mas era já filosófico, relativamente mais cristianizado (ou, poderíamos dizer, mais católico) e relativamente iluminista. O que estava em jogo não era confrontar tradições religiosas, mas levar sabedoria aos cristãos. Ensiná-los a ver o mundo de forma profunda, mas a partir de suas próprias bases, provando estarem elas diluídas nas cartas de Paulo, nos Evangelhos e em outros escritos filosóficos e religiosos.

Os textos do próprio Mani e sua vida eram raramente citados. Eles tinham caráter de relíquia. Os pergaminhos eram ricamente ornados e encadernados, guardados sempre em local especial e diferenciado da biblioteca. Mas o tratamento recebido pelos escritos era mais de veneração intelectual e simbólica, como chave para toda a compreensão da filosofia e da religião em geral, do que como Palavra, a ser repetida e resguardada. Por isso, ao invés de se citar Mani, citava-se Paulo à luz de Mani, o Evangelho à luz do maniqueísmo.

Os maniqueus – ao menos na época e contexto de Agostinho – também rejeitam o Velho Testamento, sob alegação de que ele não apenas contradiz o Novo, como é mais primitivo em comparação com este. Esta rejeição, contudo, se dá na forma de uma diferenciação de nível. O Novo Testamento é sempre mais correto que o Velho, mas este último pode ser válido em questões das quais o Novo *não fala*. Preferencialmente, contudo, o Velho Testamento não é tido como fonte segura para o julgamento de questão alguma, mas tem ainda certa respeitabilidade, como esforço primitivo de estabelecimento da justiça e da verdade. Tem, assim, valor histórico e cultural. Tampouco o NT deve ser integralmente aceito, mas somente as partes que “edificam nossa fé”.

Tal complexidade no trato dos dois testamentos fica evidente na passagem em que Jesus afirma “não ter vindo para destruir a lei, mas dar-lhes cumprimento”. Que quereria dizer Jesus, que tantas vezes aboliu pontos cruciais da lei?

Para os maniqueus, ou Jesus não teria dito isso, e a redação das escrituras contém erros, ou o disse em contexto completamente distinto e específico, como, por exemplo: “vim cumprir as profecias que falavam de um Messias e de um Príncipe da Paz.” (AGUSTÍN, 49)

Como Mani apresenta uma solução para o problema do mal, ao invés de fórmulas filosóficas e especulativas, seus discípulos o identificavam com o Paráclito prometido por Jesus

para explicar todas as coisas. A hermenêutica agressiva do maniqueísmo não se justificaria sem essa prerrogativa de resgate do sentido original do cristianismo, o que passa, não por último ou ocasionalmente, pela contextualização do ensino espiritual de Jesus em face de um ecletismo espiritualista que tem também em vista filosofias e revelações várias do caldeirão cultural dos séculos II e III.

Conforme Pio de Luis, a doutrina de Fausto era explicitamente docetista, não admitindo que Jesus pudesse ter qualquer contato com a carne, ou qualquer natureza carnal. Negavam, portanto, como herética a ideia de que Maria o pudesse gerar. (AGUSTÍN, 58) Isso pode ou não ter alguma base no maniqueísmo original, mas ao menos o formato e o vocabulário do maniqueísmo de Agostinho nos remete à hibridações culturais do século IV.

Outro ponto controverso é o do papel da reencarnação na doutrina original e no maniqueísmo difundido a partir do século IV. O maniqueísmo de Agostinho era certamente reencarnacionista. Ao passo que os *eleitos* se salvam por sua desvinculação da matéria, os *ouvintes* não podem ser abandonados, já que se dedicaram a guardar a palavra e um modo de conduta parcialmente espiritualizado. Recebem, assim, nova oportunidade por meio da reencarnação. (AGUSTÍN, 73)

*Crítica:*

Grande parte da controvérsia atual em torno do maniqueísmo permanece sob influência de preconceitos e atitudes militantes, não apenas católicas, mas de todo o cristianismo.

Alguns dos ataques mais célebres de Agostinho ao maniqueísmo se dirigem ao suposto materialismo de fundo dessa doutrina.

Enquanto o Agostinho maniqueu cria em Deus como uma massa luminosa se estendendo infinitamente pelo espaço; ele agora vê que o Deus verdadeiro é incorpóreo e infinito sem extensão. Enquanto o Agostinho maniqueu imaginava Deus sujeito a ataque, corrupção e violação nas mãos de um poder rival; ele agora vê que o Deus verdadeiro é imutável e incorruptível. Enquanto o Agostinho maniqueu crê que há duas substâncias divinas independentes em conflito uma com a outra; sua visão agora permite-lhe reconhecer que o Deus verdadeiro é o próprio ser, a fonte única de tudo o que existe. (STUMP; KRETZMANN, 2006, p. 73)

Mas é razoável supor que a guerra ideológica contra os maniqueus, como outras tantas que Agostinho travou, não o tornassem o melhor expositor das doutrinas alheias. Além disso, as respostas dos maniqueus sugerem que Agostinho esteve longe de conhecer os mistérios mais profundos do credo; uma resposta que pode perfeitamente sofrer a mesma crítica do ataque de Agostinho.

Sendo o materialismo de fundo e o comprometimento da superioridade e bondade de Deus em face do princípio das trevas os dois problemas principais destacados pelos seus opositores, destacamos que a falta de pesquisa sobre o conceito de reencarnação é um dos principais motivos de ambas.

Como expõe Helmut Zander, o conceito de reencarnação tem papel filosófico, isto é, o de garantir a bondade de Deus e uma sensível, embora não incontestável, superioridade em relação ao princípio das trevas.

Após uma grande guerra apocalíptica, Jesus chega para o juízo primordial, para separar os bons, os maniqueus, dos maus (nos quais pode restar ainda alguns elementos de luz) condenados à danação eterna. Este fim pode ser evitado pela reencarnação, chamada *Metaggismos* (Transvazar; Refundir) ou, conforme textos partos, “Morte-nascimento”. Aí está reencarnada a *Kefalia*, “o resto daquela luz que remanesceu da destruição... [...] O objetivo da transmigração é a encarnação em maniqueus mais desenvolvidos, um *Electus* [...] De todo modo, há também a possibilidade de o indivíduo se salvar em apenas uma vida como mero ouvinte [...] tendo para isso que se esforçar na ascese sexual [...] Ele logrou, então, separar o seu pensamento do mundo (*Kosmos*) e depositar o seu coração unicamente na santa Igreja. (ZANDER, 1999, p. 98)

## REFERÊNCIAS

Agustín. *Obras completas de San Agustín XXX*. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid: La Editorial Católica, 1986.

DECRET, François. *Mani et la tradition manichéene*. Paris: du Seuil, 1974.

Bibliografia de apoio:

STUMP, Eleonore; KRETZMANN, Norman. *The Cambridge Companion to Augustin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

ZANDER, Helmut. *Geschichte der Seelenwanderung in Europa*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1999.